



EIXO 11: FORMAÇÃO E TRABALHO DE PROFESSORES PARA OS DESAFIOS DO ENSINO NO SÉCULO XXI

FORMAÇÃO DE PROFESSORES E EMANCIPAÇÃO HUMANA: A IMPORTÂNCIA DO MÉTODO MATERIALISTA HISTÓRICO-DIALÉTICO PARA A PESQUISA EM EDUCAÇÃO

Kharen Paes de Albuquerque

UFMS

kharen.albuquerque@ufms.br

Hellen Jaqueline Marques

UFMS

hellen.marques@ufms.br

Resumo

O presente resumo integra uma pesquisa de Mestrado em Educação em andamento, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Tem como objetivo analisar a importância do método materialista histórico-dialético para a pesquisa em educação, articulando-o às categorias de formação de professores e emancipação humana. O estudo se justifica pelo cenário atual da formação docente, marcado pelo predomínio das chamadas pedagogias do “aprender a aprender” e por abordagens metodológicas fragmentadas, que restringem a compreensão crítica da realidade. Nesse contexto de intensas disputas teóricas e reformistas, somos levados a refletir sobre o cenário ideológico das teorias dominantes, as quais abordam apenas aspectos superficiais da educação. De acordo com Duarte (2001), tais teorias possuem caráter adaptativo, com a função de levar os educadores a conhecerem a realidade social não para transformá-la, mas para identificar quais “competências” ela exige dos indivíduos. Trata-se de uma pesquisa teórica, ancorada na pedagogia histórico-crítica e fundamentada no método do materialismo histórico-dialético, desenvolvida por meio de análise bibliográfica de obras de referência, com vistas a compreender a realidade educacional a partir de uma perspectiva dialética e transformadora. O materialismo histórico-dialético parte do pressuposto de que o gênero humano é construído historicamente e que, por isso, compreender a realidade exige ultrapassar a aparência imediata dos fenômenos para apreender suas determinações mais profundas, em suma, sua essência. Esta perspectiva, ao contrário das teorias hegemônicas

que negam a razão e a verdade universal, reconhece que “a ciência não é neutra; ela expressa conteúdos de classe e ideológicos, mas isso não significa que não cumpra seu papel, que é o de aproximar-se da verdade” (Marques, 2008, p. 86). Essa concepção de ciência rejeita o ecletismo e o pluralismo metodológico que comprometem a construção de um conhecimento crítico e consistente, fragilizando a apreensão do real. Marx (2008) observou que métodos naturalistas isolavam os aspectos sociais e sua historicidade, produzindo “uma perspectiva falsa das leis econômicas – transformadas em leis gerais e eternas”. Diferentemente desse ideal, o método defendido por Marx afirma a objetividade e a universalidade do conhecimento científico, compreendendo que “os próprios homens fazem a sua história, mas não a fazem arbitrariamente, e sim em certas condições determinadas” (Marx, 2008, p. 23). Assim, a pesquisa em educação quando apoiada no materialismo histórico-dialético reconhece o caráter ontologicamente comprometido da ciência e adota o rigor teórico-metodológico como exigência, compreendendo o conhecimento como instrumento para a transformação social e a totalidade como síntese de múltiplas determinações. No campo da formação de professores, observa-se que o debate não está descolado da totalidade social, mas atrelado às sínteses das relações entre as condições econômicas, sociais, científicas e demais determinações. Entretanto, predominam as teorias do “aprender a aprender” (Saviani, 2013; Duarte, 2001), que fragmentam a realidade, negam a razão e esvaziam a função social da educação, reduzindo-a a práticas adaptativas e reprodutivas. Como aponta Marques (2008, p. 85-86), “um dos maiores problemas que perpassam estas perspectivas está no fato de homogeneizar a ciência”, ocultando as diferenças teóricas e práticas e, assim, enfraquecendo a compreensão crítica da realidade. A pedagogia histórico-crítica defende que “as novas gerações se apropriem das mais ricas e desenvolvidas produções no campo das ciências da natureza, das ciências da sociedade, da arte e da filosofia” (Duarte, 2021, p. 197) e que esse conhecimento seja socializado por meio de um sistema público de educação. Esta perspectiva pedagógica, portanto, sustenta uma teoria da educação orientada à apropriação dos conhecimentos científicos, artísticos e filosóficos acumulados historicamente, entendendo que a escola “é compreendida com base no desenvolvimento histórico da sociedade” e pode se articular “à superação da sociedade vigente em direção a uma sociedade sem classes” (Saviani, 2011, p. 88). A pedagogia histórico-crítica reconhece que a educação, por si só, não transforma a sociedade, mas que negar sua

função histórica significa “ignorar o movimento dialético e histórico no qual estamos inseridos” (Marques, 2017). Assim, a formação de professores, fundamentada no materialismo histórico-dialético e na pedagogia histórico-crítica, compreende que “para que os seres humanos possam formar humanamente as circunstâncias que os formam, é preciso (...) conhecer essas circunstâncias” para chegar “aos processos que movem a realidade” (Duarte, 2001, p. 197-198). Ao articular teoria e prática, mediadas pelo rigor metodológico, a pesquisa em educação torna-se um instrumento potencial de emancipação humana, contribuindo para a construção de uma concepção de mundo que ultrapasse as aparências e busque a essência da realidade. Conclui-se que, compreender a formação de professores a partir do materialismo histórico-dialético implica defender o rigor teórico-metodológico como condição indispensável para a produção de conhecimento comprometido com a verdade e com a transformação social. Deste modo, apreender a realidade da educação em sua totalidade, historicidade e contradições constitui requisito essencial para promover uma formação docente voltada à emancipação humana. Isso significa superar as perspectivas idealistas que atribuem à educação funções “salvacionistas” sem considerar seus limites e possibilidades reais. Desta forma, reafirma-se que a prática investigativa e formativa do professor deve assumir intencionalidade transformadora, ancorada na ciência como construção histórica, objetiva e universal, para contribuir efetivamente com o processo de emancipação humana.

Palavras-chave: Pedagogia Histórico-Crítica. Formação de Professores. Emancipação Humana.

Referências

DUARTE, Newton. *Vigotski e o “aprender a aprender”*: crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana. 2. ed. rev. e ampl. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

DUARTE, Newton. Pesquisa educacional e a defesa do ser humano. *Gesto Debate*, Campo Grande, v. 21, n. 11, p. 189-204, jan./dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/gestodebate/article/view/17111> Acesso em 08 ago 2025.

MARQUES, Hellen Jaqueline. *Reflexão ou inflexão?* A produção de conhecimentos sobre a formação de professores no Brasil: a prática reflexiva em foco. 2008.



Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Curitiba, 2008.

MARQUES, Hellen Jaqueline. *Concepção de mundo e formação de professores: contribuições da pedagogia histórico-crítica*. 2017. 220 f. Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara), Araraquara, 2017.

MARX, Karl. *Contribuição à crítica da economia política*. Tradução e introdução de Florestan Fernandes. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

SAVIANI, Dermeval. *História das ideias pedagógicas no Brasil*. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2011.

SAVIANI, Dermeval. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. 11. ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.